

MAINGUENEAU. D. *Leituras e Quadro hermenêutico*. Maria Sabina Kundman. In *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 9, p. 279-292, 2007.

Por Losana Hada de Oliveira PRADO¹

O artigo *Leituras e quadro hermenêutico*² foi publicado em 2007, no número 9, da revista “Filologia e Linguística Portuguesa”, da USP, com tradução de Maria Sabina Kundman³. Como apontado logo no resumo, o objetivo do artigo é fazer uma reflexão acerca da noção de leitura de textos literários, religiosos e filosóficos pertencentes ao quadro hermenêutico, conceito resgatado do artigo de Maingueneau, *Interprétation des textes littéraires et de textes juridiques* (1995). Na introdução do artigo, apesar de anunciar a distinção entre “leitura” e “sobreleitura” para caracterizar as atitudes do leitor, a primeira abordagem feita pelo autor concentra-se na problemática dos “discursos constituintes” e do “quadro hermenêutico”. E, finalizando o artigo, para ilustrar a questão da hiperleitura, Maingueneau recorre ao discurso religioso tomando como exemplo o sermão de Massillon⁴.

A categoria de “discurso constituinte” (MAINGUENEAU E COSSUTA, 1995; MAINGUENEAU, 1999) configura-se como aquele discurso que impõe respeito, ou seja, legitima a existência da coletividade atribuindo zonas de fala em meio a outras falas. Duas características importantes são apontadas para o discurso constituinte. A primeira é a articulação da textualidade e do espaço institucional; em outras palavras, a legitimação de um lugar e a elaboração de uma memória. A segunda característica está ligada à hierarquia entre os enunciados, ou seja, alguns têm maior prestígio por se encontrar em contato com uma Fonte autenticadora e, diante disso, é preciso apreender o funcionamento dos discursos constituintes dentro desse conjunto hierárquico e heterogêneo.

Diante dos diversos posicionamentos concorrentes e interpretações diversas, Maingueneau (1995) propõe um quadro hermenêutico para articular instituição, hierarquia dos textos e comunidade de origem. Para tanto, o autor apresenta cinco possibilidades de leitura dentro de um “quadro hermenêutico”: 1) que esse texto seja digno de interesse, que seja

¹ Pós-doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC/SP.

² Resenha produzida para discussão do Grupo de Pesquisa *Memória e Cultura na Língua Portuguesa Escrita no Brasil* da PUC-SP, sob a liderança do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

³ Docente de Língua Francesa na área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, do Departamento de Letras Modernas da FFLCH, Universidade de São Paulo.

⁴ Jean-Baptiste Massillon (1663-1742): oratoriano, professor, bispo de Clermont, um dos mais célebres pregadores do fim do século XVII e começo do século XVIII.

singular, extraordinário: através dele uma Fonte transcendente emite uma mensagem; 2) que a mensagem seja necessariamente oculta; 3) que ela trate de questões relativas aos fundamentos, o que direciona fortemente a natureza dos sentidos ocultos a ler; 4) que seja necessária uma exegese, uma “leitura” não imediata do texto para trazê-lo à luz: o comum dos mortais não tem acesso direto a ele; 5) que a leitura pressuponha ao mesmo tempo técnicas de uma aprendizagem e relação privilegiada do leitor com a Fonte do texto.

A última possibilidade apresentada, segundo o autor, gera debate, visto que, de um lado, estão aqueles que privilegiam a legitimação conferida pelo domínio de técnicas e, de outro, aqueles que privilegiam a experiência pessoal, o carisma. É preciso, nessa perspectiva, que o texto seja inacessível, que “nunca olhar nenhum estará à altura do que deve ser visto” (p. 282). No entanto, Maingueneau afirma que os textos tratados no quadro hermenêutico precisam ser vistos como primeiros, ou seja, fonte de interpretação, pois um texto que não é objeto de interpretação perde o enigmático. O não esgotamento da mensagem tem relação com os discursos constituintes, cujos textos não apresentam “autor” no sentido usual, uma vez que este está sujeito às interpretações que conferem autoridade à obra. Assim, um texto literário, por exemplo, em um quadro hermenêutico, exige do verdadeiro intérprete a busca pelo sentido oculto, pela não clareza e pelo enigma contido no próprio texto.

Ainda nessa discussão, Maingueneau menciona Pratt (1977) quando fala do “hiperprotegido”, termo extraído da pragmática para se referir aos textos do quadro hermenêutico que não podem ter falhas e, se tiverem, serão atribuídas aos intérpretes. Dessa forma, o escritor espera que o leitor modelo consiga extrair os implícitos para conciliar as transgressões das normas interacionais com o princípio de cooperação; em outros termos, ao mesmo tempo em que os autores solicitam o quadro hermenêutico, afirmam estar se libertando das “convenções do romanesco tradicional” (p. 184).

Maingueneau inicia, então, a distinção entre “leitura” e “sobreleitura” e, para tanto, afirma que o termo “leitura” não é unívoco quando se trata de textos literários e traz, para corroborar sua afirmação, Descombes (1987), que destaca duas maneiras de se ler o início da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

Não há razão filosófica para compreender a frase “Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo” de maneira diferente da usada habitualmente. *Em busca* não é apenas um texto. Podemos certamente fingir que para nós seja apenas isso: um texto, um segmento do que está conservado na Biblioteca Nacional. Na realidade, não lemos *Em busca* como leríamos um trecho vindo não se sabe de onde, ou extraído arbitrariamente dos arquivos. Em geral, lemos o romance de Proust na edição da Biblioteca da Pléiade (seção do

século XX), portanto, como um clássico da literatura. As perguntas que estamos fazendo não se referem apenas ao sentido do texto, mas ao sentido da obra, do livro composto por Proust. Em outras palavras, na maioria das vezes nosso problema não é o de saber o que significa a inscrição com a qual o texto começa (“Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo”), mas o que significa *o fato* de Proust ter escrito essa frase no começo da narrativa. Mais uma vez falaremos aqui de “leituras” para designar as diferentes maneiras de ler a obra. (1987, p. 9-10)

A frase “Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo” não apresenta razão filosófica para ser compreendida diferentemente da usada no dia a dia, assim como “Em busca” pode ser apenas um texto, porém, extraído como trecho do clássico da literatura, passa a não se referir apenas ao sentido do texto, mas à obra do escritor Proust e, dessa maneira, retomando a frase “Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo”, busca-se o significado da escolha desse termo no começo de sua narrativa.

Ainda sobre a diferença entre “leitura” e “sobreleitura”, Maingueneau afirma que enquanto as leituras são individuais e se esgotam na sua própria atividade, as sobreleituras estão inseridas em práticas institucionais e levam à produção de um novo texto. Ampliando o entendimento sobre a leitura, o autor afirma que há duas práticas distintas: a “leitura contratual”, em que nos contentamos em ler textos através de regras genéricas, e a “leitura hiperprotetora”, que ativamos ao ler um texto que faz parte do patrimônio cultural.

Quanto à sobreleitura, duas modalidades são apresentadas: a superleitura e a hiperleitura. A primeira foi definida por Francine Cicurel (1991) como leitura que não se lê para si, mas para os outros, ou seja, para produzir fichas, resumos, resenhas *etc.*; já a hiperleitura, assim como a superleitura, também visa à produção de um outro texto, um comentário, contudo dentro de um quadro hermenêutico. O hiperleitor, nesse caso, busca uma interpretação que revela um sentido oculto construído em um novo texto, o que significa exceder à prática de leitura, visto que há confrontação com outros textos. O papel do hiperleitor na modalidade da hiperleitura é, a cada interpretação bem-sucedida, relegitimar a posição do texto comentado no interior do quadro hermenêutico.

Sendo a hiperleitura um reconhecimento do valor do quadro hermenêutico, Maingueneau ilustra, com o discurso religioso do sermão de Massillon, “Sermão para a festa da Assunção da Virgem Maria: Sobre as consolações e a glória da morte da Virgem Maria” (1835, p. 65-75), alguns pontos para reflexão. Antes de iniciar as etapas da hiperleitura, o autor esclarece que, na época clássica, um sermão era chamado de “texto”, que na verdade era curta citação da Bíblia. Também vale destacar que o próprio Deus assumia a responsabilidade

de um hiperenunciador, ainda que não fosse constituído de palavras, mas de textos de autores anônimos escritos em lugares e épocas distintas.

Na primeira etapa da hiperleitura, Massillon inicia lendo fragmentos da Bíblia, extraído do *Cântico dos cânticos*, no entanto, por se tratar de um arquiteito, já que o texto autêntico é em latim, percebe o desnivelamento entre o latim e o francês, impossibilitando, assim, uma leitura comum. A segunda etapa, então, é a tradução para o francês, o que significa, para o processo de hiperleitura, uma restrição às possibilidades infinitas de sentido desse fragmento descontextualizado. Por fim, na terceira etapa, o comentador explica sua interpretação feita a partir da tradução.

A partir do exemplo do início do sermão analisado, percebe-se que o hiperleitor não se fecha no *Cântico dos cânticos* e se instaura uma espécie de polifonia, já que é construída uma posição de enunciação, “alma fiel da terra” e da Virgem do *Evangelho*.

O que se pode apreender desse processo é que o hiperleitor não se fecha no texto e, quanto maior a distância entre o fragmento escolhido e o contexto no qual ele é colocado como pertinente, mais o hiperleitor mostrará a sua legitimidade, nesse caso, a legitimidade da Bíblia. Todavia, a redução da distância configura a familiaridade do comentador com o livro que tem Deus como hiperenunciador e com a fé que permite uma hiperleitura e não uma simples leitura.